A Monsieur Ferdinand Denis
hommage d'amitié

ARCHEOLOGIA ARTISTICA

N.º 5

TIRAGEM, 150 EXEMPLARES (1)

N.° 31.

N.° 1 — LUIZA TODI.
N.° 2 — A IMPRENSA PORTUGUEZA NO SECULO XVI. *(Ordenações do Reino.)*
N.° 3 — ENSAIO CRITICO SOBRE O CATALOGO D'EL-REY D. JOÃO IV.
N.° 4 — ALBRECHT DÜRER E A SUA INFLUENCIA NA PENINSULA.
N.° 5 — CITANIA.
N.° 6 — FRANCISCO DE HOLLANDA. (a sahir)
a) Da fabrica que fallece á cidade de Lisboa.
b) Da sciencia do Desenho.

(Edição critica, segundo o autographo de 1571.)

(1) A tiragem do fasc. n.° 4 foi de 100 e não de 200 ex., como se lê na respectiva edição. O actual fasc. n.° 5 é; *por excepção*, de 150 ex. O fasc. n.° 6 será de 100 ex., tiragem que foi fixada desde o n.° 4.

CITANIA

POR

EMILIO HÜBNER

PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE BERLIM

TRADUCÇÃO

DE

J. DE V.

PORTO

IMPRENSA LITTERARIO-COMMERCIAL

MDCCCLXXIX

Á ultima hora (25 de janeiro) recebemos do snr. Prof. Hübner: *Additamenta ad corporis*, vol. II (ins. 1-32). É principalmente a exploração do codice F. 138 da Bibliotheca publica de Dresden:

Del viaggio (1571) *fatto dal Ill.mo e R.mo Card. Alessandrino legato apostolico alli serenissimi rè di Francia, Spagna e Portogallo, con le annotationi delle cose più principali delle città, terre e luoghi*, descritto da M. Gio Battista Venturino da Fabriano. Raczynski já se referiu a este *ms.* (*Les arts*, pag. 330) de que existe copia na Bibl. Real d'Ajuda na grande collecção de documentos (*Symmicta lusit.*) relativos á historia de Portugal que D. João V mandou copiar das bibliothecas de Roma. É possivel que a outra viagem: *Commentario per Italia, Francia, Spagna e Portogallo, overo relazione del viaggio* (1581) do embaixador veneziano Lippomani contenha tambem noticias de inscripções ineditas. (V. adiante pag. 11, nota 2).

O autor do trabalho que damos hoje traduzido não carece já de apresentação. Os poucos que não vivem dentro da peninsula limitados ás quatro paredes de um qualquer gabinete de estudo, sabem que desde a apresentação official d'esse sabio ao publico portuguez pela Academia Real das Sciencias de Lisboa elle não tem deixado de dedicar sempre ás antiguidades da peninsula o interesse que nasce do amor á sciencia e da sympathia pelas terras de Hespanha e Portugal que elle recommendava ainda ha dias (1) como campo de exploração aos jovens sabios do ſeu paiz.

Ora nas publicações rigoroſamente ſcientificas (*Ephemeris epigraphica*), ora nas reviſtas litterarias de primeira ordem (*Deutsche Rundschau*), ora nos orgãos mais autorisados da critica allemã (*Ienaer Litteraturzeitung*), tem o ſnr. Prof. Hübner provado que não ſe eſquece de nós. Não poderão dizer o meſmo, entre nós, aquelles que eſtando em relação immediata com elle e com a ſciencia tinham obrigação rigoroſa de informar a minoria illuſtrada dos paſſos da ſciencia extrangeira no dominio das tradições nacionaes. De 1871 para cá (2) é eſte o primeiro trabalho do ſnr. Prof. Hübner, que sahe em Portugal, em lingua portugueza, comtudo n'esses ſete a oito annos o autor não parou nos ſeus eſtudos ſobre a archeologia da peninſula. Não é culpa d'elle ſe o publico portuguez o ignora, porque elle não podia preſumir que

(1) *Litteraturzeitung* de Jena, 1877; artigo n.º 397.

(2) E' a data da publicação das *Noticias archeologicas de Portugal* feita por ordem da Academia. Em 1862 já o snr. Prof. Hübner havia publicado as suas primeiras noticias das antiguidades de Portugal. *Die antiken Bildwerke in Madrid*. Berlin, 1862. 8.º pag. 328-338.

a Academia Real das Sciencias, sob cuja egide ſe traduziu o ſeu primeiro trabalho, deixaſſe correr ainda hoje com sello official erros que o autor corrigiu já ha annos. As *Noticias archeologicas* eſtão eſperando por uma serie de emendas que augmentam com os annos; iſto devia ſaber-ſe (1). O ſnr. Prof. Hübner pede, portanto, aos noſſos archeologos que queiram recorrer sempre ao *Corpus* (2), aliás teremos uma accumulação ſucceſſiva de erros por conta das *Noticias* (cujo editor reſponſavel é hoje a Academia) e por conta dos que pre-

(1) O snr. Prof. Hübner fez tudo quando pôde para resolver o fallecido Soromenho a fazer os additamentos necessarios ás *Noticias archeologicas*, a fim de pôr o leitor portuguez ao facto das substituições e emendas ao *Corpus* e de lhe apresentar outras novidades relativas a Portugal, umas ineditas, outras espalhadas por varios escriptos do autor allemão. Soromenho, apesar de instado repetidas vezes, durante varios annos nunca quiz sujeitar-se a este trabalho.

(2) É o segundo vol. d'esta grande collecção o que diz respeito á peninsula:

Inscriptiones Hispaniæ latinæ consilio et auctoritate academiæ litterarum regiæ borvssicæ edidit Æmilivs Hübner. Berolini apud Georgivm Reimervm. MDCCCLXIX fol. de LVI-780 e 48 pag. com 2 mappas geographicos. E:

Inscriptiones Hispaniæ christianæ edidit Æmilivs Hübner. Berolini id. MDCCCLXXI. 4.º gr. de XVI — 120 pap. e um mappa geogr.

Dizendo-se que a primeira obra contem 5132 inscripções e a segunda 397 (104 *falsæ vel suspectæ*) e que uma parte não pequena pertence á antiga Luſitania, terá o leitor comprehendido a importancia das obras. Já não contamos aqui os supplementos posteriores:

Additamenta ad titvlos hispanos; 17 pag. (ins. 301-325).
Additamenta ad corporis volumen II; 22 pag. (ins. 1-52).
Lex coloniæ ivliæ genetivæ vrbanorvm sive vrsonis data A. V. C.DCCX. De 46 pag. E:
Id. (denvo recognita). De 12 pag.
Id. (fragmenta nova). De 26 pag. e 2 tab.

Estes tres trabalhos dos ſnrs. Prof. E. Hübner e Th. Mommsen foram dados em supplemento ao vol. II do *Corpus* das inscripções latinas da Academia de Berlim na publicação *Ephemeris epigraphica* cujo editor é o *Instituto archeologico* de Roma; vende-se tambem em Berlim, Reimer. Conſtituem ellas (a-b-c) a exploração ſcientifica das taboas de bronze de Oſuna deſcobertas de 1870-1871. (*Los bronces de Oſuna* que publíca Manoel Rodrigues de Berlanga. Malacæ MDCCCLXXIII. (De 256 pag.); eſte achado completa o anterior das taboas de Malaga e de Salpensa (1851). Vide ainda o eſtudo do ſnr. Hübner sobre a taboa de bronze de Aljustrel: *Römische Bergwerksverwaltung* na *Rundschau* de 1877, 3.º anno, pag. 196-213, e compare-se com o folheto de Soromenho.

tendem corrigir as *Noticias* sem terem eſtudado o *Corpus*. Feitas eſtas obſervações neceſſarias para a juſta apreciação das intenções do autor entremos no assumpto.

O preſente eſtudo deveria ter sahido á luz em fins do anno paſſado ſe uma viagem emprehendida em Outubro, Novembro e Dezembro não nos tiveſſe obrigado a ſuſpender os trabalhos da imprenſa. Comtudo, crêmos que chega ainda muito a tempo, porque o *Relatorio official* da expedição a Citania (1876) ainda virá depois de nós. Dos expedicionarios fallaram apenas os ſnrs. Manoel Maria Rodrigues (*Commercio do Porto*), e Luciano Cordeiro (1) (*Commercio portuguez*); os restantes seis ou sete emmudeceram, e d'estes, dois: A. Soromenho e o Marquez de Souza-Holstein para sempre. O ſnr. J. N. da Silva fallou da *pedra formosa* no *Boletim da Real associação dos architectos e archeologos portuguezes*. Recordamo-nos ainda de uma curta discuſſão peſſoal que ſe levantou na imprenſa logo depois da conferencia entre os ſnrs. Pereira Caldas e A. F. Simões e que veio á luz na *Actualidade*. Iſto é tudo. Os ſnrs. Delgado, Teixeira de Aragão, A. F. Simões, Pereira Caldas, Gabriel Pereira, pessoas que se teem occupado mais ou menos com questões archeologicas eſtão ainda em divida para com a ſciencia, para com o paiz, e para com o ſnr. Martins Sarmento (2). A acceitação do convite envolvia, tacitamente, a obrigação de contribuir para o tra-

(1) O snr. Luciano Cordeiro fallou ainda de *Citania* na revista hespanhola la *Académia*, sob o titulo: *Uma cidade iberica;* a redacção, publicando depois as gravuras, em separado, emendou: *Una ciudad celtica* entre dois??

(2) A mesma responsabilidade cabe aos dois expedicionarios que falleceram: A. Soromenho e Marquez de Souza. O primeiro morreu a 9 de janeiro de 1878; o segundo em outubro. A visita a Citania foi em junho de 1876. Não contamos um artigo do segundo no *Jornal da Manhã*, escripto antes da conferencia e em tempo em que os trabalhos estavam ainda muito atrazados. Vide adiante, pag. 15 n. 3.

Julgamos haver lido algures que o snr. Simões chegára a remetter o seu parecer para o Relatorio official ao snr. Luciano Cordeiro, o qual estaria n'este caso incumbido de receber as communicações dos expedicionarios. Temos a quasi certeza de haver lido esta noticia n'um jornal cujo nome não nos occorre. O snr. Luciano Cordeiro communicou-nos

balho commum intellectual (1); era a maneira mais eloquente de agradecer a hospitalidade concedida e de saldar, perante a sciencia, a divida contrahida com um cultor d'ella. A maioria dos expedicionarios não o entendeu assim. Bastante tempo antes da conferencia foi distribuido aos expedicionarios um *Questionario* extenso (20-30 pontos, do snr. Pereira Caldas, segundo crêmos). Os deveres de cada um estavam pois marcados quasi que officialmente; de resto, o snr. Martins Sarmento convocou os archeologos para que elles o ajudassem a dessfazer as trevas em que o problema estava envolvido. No entanto saltou-se por cima do *Questionario* e por cima dos desejos, claramente formulados, do snr. Martins Sarmento com uma semcerimonia inqualificavel.

Resta-nos tratar dos poucos que contribuiram para a discussão. Não seremos nós o juiz dos trabalhos dos snrs. Manoel Maria Rodrigues e Luciano Cordeiro. O snr. Prof. Hübner faz-lhes justiça e trata-os a ambos com imparcialidade e benevolencia; não podemos nem temos direito a ser mais severo, por isso nos abstivemos de todo o commentario; a critica do snr. Hübner fallará por si e por nós.

Temos ainda a dizer que a revista do Porto *A Renascença* (2) reproduziu as gravuras de Citania já publicadas pela *Academia* de Madrid com a mesma numeração. Isto dispensa-nos de as repetirmos aqui. O leitor terá de recorrer a ellas para a intelligencia d'este trabalho.

J. de V.

---

em carta particular certos factos tendentes a explicar a falta do apparecimento do *Relatorio official*. Não podemos tomar aqui conta das suas explicações, porque se as trouxessemos a publico (cousa para que não fomos autorisado) teriamos de expôr os lados acceitaveis e inacceitaveis d'essas explicações, com egual franqueza.

(1) O baptisarem a *Associação archeologica* (a séde é em Guimarães) com o nome do snr. dr. Martins Sarmento foi uma ideia tão feliz, como foi infeliz o modo como a deixaram cahir no olvido passados poucos mezes.

(2) No numero II-III pag. 44 e 45. Infelizmente, as linhas explicativas do snr. Joaquim d'Araujo que acompanham as estampas, contem varias inexactidões.

CITANIA

Na região mais formofa do Norte de Portugal, que fe chama na divifão antiga provincia de Entre Douro e Minho, parecem os antigos emigrantes celticos da peninfula iberica, os *Callaicos,* terem eftabelecido fuas vivendas, efcolhendo de preferencia os ferteis e umbrofos valles e collinas que fe eftendem entre o *Durius* e o *Minius,* e defenvolvendo alli uma certa actividade que deu em refultado um grau comparativamente elevado de folida abaftança. A região é de area limitada; ao ful prolonga-fe uma faixa de terra, o chamado littoral, a unica parte que teve no tempo dos romanos um cultivo rafoavel. A lefte levanta-fe a ferra da Eftrella, fria e agrefte, interpondo uma barreira á civilifação; ao norte toma o paiz um novo afpecto e para alem de Vigo levanta-fe um planalto, pedregofo, aberto aos ventos, que conftitue um caracter peculiar aos arredores de La Coruña e de Santiago, a cidade das celebres romarias. Na região para alem dos montes (provincia de Traz-os Montes) onde a vinha (plantada, de

resto, só no seculo XIII) (1) desapparece, desapparece tambem, desde antiga data, a riqueza e a população; em alguns poucos valles agazalhados, em parte dotados de nascentes de aguas mineraes e por isso escolhidos por serem logares consagrados ao culto gentilico, conservou-se uma obscura tradição da epoca romana e pre-romana. Mas tanto mais bem aproveitada foi a pequena região a que alludimos. Cidades e aldeias, thermas e villas cobriam as terras ao sul da velha capital da provincia callaica ao sul de *Bracara*, a Braga de hoje, cujos arcebispos ainda no seculo XVII se attribuiam o titulo de *Primaz das Hespanhas* em competencia com os arcebispos de Tarragona e de Toledo (2). Um mappa addicional do *Conventus Bracaraugustanus* inserto no vol. II do *Corpus inscriptionum latinarum* indica os nomes d'essas numerosas povoações onde foram achadas as inscripções latinas incluidas no dito volume. São muito mais numerosas porém aquellas povoações em que se encontraram vestigios romanos ou celticos, mas das quaes não ha, por emquanto, monumentos epigraphicos achados *in loco*, e essas povoações faltam naturalmente no mappa citado.

A estas ultimas pertence uma que desde o seculo XVI attrahiu, já em virtude da singular configuração local, já em virtude dos seus monumentos, a attenção dos poucos habitantes do paiz que entenderam dever dedicar mais ou menos attenção ás antiguidades patrias. Já no trabalho diffuso e cheio de noticias apocryphas de Fr. Bernardo de Brito (3) se allude ao sitio. Gaspar Estaço (4) falla tambem d'elle. As primeiras no-

---

(1) Data da mesma epoca o desenvolvimento da industria das sêdas na mesma região (foral de Ervededo, 1239). N. do trad.

(2) Os arcebispos de Braga ainda não renunciaram ao titulo em questão. N. do trad.

(3) *Monarquia lusitana.* Lisboa, 1597 e 1609 in fol.

(4) *Varias antiguidades de Portugal.* Lisboa, 1625 4.º

ticias mais exactas apparecem ſómente tarde, na primeira metade do ſeculo XVIII com o renaſcimento dos eſtudos hiſtoricos (1) quando o imperio luzo-brazileiro attingiu um ſegundo ponto culminante debaixo da direcção politica do grande Marquez de Pombal, cuja influencia ſe fez ſentir n'eſte ramo de eſtudos, como nos demais.

Eſſas noticias pertencem a varios autores e eſtão ainda em parte conſervadas nos *ms.* originaes (2). Reſtringindo-nos á queſtão que temos de examinar, citaremos os manuſcriptos de Luiz Alvarez de Figueiredo, Biſpo de Uranopolis *i. p.* e depois (1725) Arcebispo da Bahia. Eſtes manuſcriptos achamſe na Bibliotheca Nacional de Lisboa (A. 1, 25. 26.) e verſam ſobre noticias do Arcebiſpado de Braga. Não poſſo porém affiançar com certeza que os *ms.* eſtejam completos na parte que encerra as noticias que intereſſam a noſſa queſtão eſpecial. O que é certo é ter o academico Jeronymo Contador de Argote lançado mão d'eſſas noticias de Figueiredo (alem do que colheu por várias outras partes) para compilar os ſeus volumes que, apeſar de eſcriptos com prolixidade e ſem critica ſão, em face da penuria geral de noticias archeologicas, de um valor ineſtimavel.

Elle proprio confeſſou o empreſtimo que fez; a ſua relação appareceu, ſegundo o coſtume do autor, em duas obras e em duas verſões, uma portugueza e outra portugueza e latina, que concordam na parte eſſencial. É preferivel porém recorrer á relação mais antiga e mais exacta das *Memorias* (3);

---

(1) O snr. Prof. Hübner expoz as origens e hiſtoria d'eſte movimento á frente das *Noticias archeologicas de Portugal* (ed. da Academia). Nota do trad.

(2) *Op. cit.* p. 4.

(3) *Memorias para a hiſtoria eccleſiaſtica do arcebiſpado de Braga.* Liſboa, vol. II, 1734, mas eſcriptas em 1724, pag. 383 e ſeguintes.

a que foi incluida nas *Antiquitates conventus Bracaraugustani* (1) é mais moderna.

Paſſaram dous ſeculos e meio ſem que ninguem cuidaſſe de examinar mais cuidadoſamente a tal localidade; porém alguns annos ha, que o actual poſſuidor do terreno, proprietario abaſtado, lhe dedicou ſéria attenção, procedendo a eſcavações e remoções de entulhos. N'eſtes ultimos tempos teem os jornaes portuguezes repetido em echo o nome d'eſſe jazigo de ruinas, cuja memoria ſe perdera; os jornaliſtas acodem á chamada com *aperçus* e *eſtudos* antiquario - prehiſtoricos e linguiſtico—ethnologicos ſobre os quaes os meus amigos portuguezes chamaram a minha attenção. Não tenho preſentes eſſes productos dos diarios jornaliſticos e parece-me poder preſcindir d'elles. Reſtam-me apenas os artigos do snr. Luciano Cordeiro (2) ſeguidos um pouco mais tarde de uma ſerie de gravuras em madeira executadas com muito cuidado pelas photographias originaes (3). Conſta-me tambem haver-ſe formado uma *Sociedade archeologica* eſpecial, que tem o nome do actual proprietario da localidade, e que ſe propõe continuar as eſcavações e publicar um trabalho extenso ſobre as deſcobertas já feitas. Não me é poſſivel dizer em que eſtado vae eſta obra (4).

O que ſe conclue das deſcobertas feitas até hoje (5) é o ſeguinte:

Entre Braga e a pittoreſca cidade de Guimarães, a 3 kil.

---

(1) Appareceu primeiro (1728) no vol. VIII da *Academia Real da Hiſtoria* e depois (1738) á parte, com um quinto livro a mais. Veja-ſe a ed. de 1728, pag. 161 e ſeguintes.

É provavel que haja mais noticias no grande *Diccionario geographico* (43 vol. in fol. na Torre do Tombo) que ſe compõe de noticias colligidas pelos habitantes das localidades para uſo da Academia. Não tirei d'iſſo apontamento.

(2) Vide os artigos no jornal heſpanhol *La Academia*, 1877, I—328, 362, 388 com a epigraphe *Uma Cidade ibérica*.

(3) Idem, II—56 a 57.

(4) Nada ſe publicou até hoje, fim de agoſto de 1878. Vide a Introd. Nota do trad.

(5) Iſto é, março de 1878.

do pequeno logar thermal chamado Caldas das Taipas (1) eſtá ſituado o monte de S. Romão de Briteiros, que o vulgo aponta deſde remotas éras como o jazigo de uma cidade perdida.

O nome do monte já é deſignado em Brito por *Citania.* E' difficil decidir ſe o nome Citania (2) tem origem popular primitiva ou naſceu de alguma reminiſcencia erudita. Pertence aos ſabios nacionaes averiguar ſe tal nome ſe acha em documentos ou regiſtos (*Flurbücher*=cadaſtros) anteriores ao ſeculo XVI. Só em meado d'eſte ſeculo é que começa em Portugal o intereſſe pelo eſtudo das antiguidades, como o provei miudamente na introducção litteraria que eſtá á frente das *Inſcripções da Luſitania* (3). Se fôr poſſivel provar a exiſtencia do nome Citania em documentos ou apontamentos hiſtoricos do ſeculo XV ou de ſeculos anteriores, então ter-ſe-ha ganhado muito terreno a favor da ideia tradicional. Aſſim como do velho nome da *civitas* dos *Igœditani* naſce a fórma medieval *Igeditania* e a moderna *Idanha,* do meſmo modo poderia *Citania* ſer um nome antigo ligeiramente modificado.

Na collecção hiſtorica das Sentenças de Valerio Maximo (VI. 4 ext. 1.) acha-ſe (colhido talvez de Livio) o ſeguinte teſtemunho de indefeza coragem de uma communa luſitanica: «cum ei ſe tota pæne Luſitania dedidiſſet ac ſola gentis eius urbs *Cinginnia* pertinaciter arma retineret, temptata redemptione prope modum uno ore legatis Bruti reſpondit: ferrum ſibi a maioribus quo urbem tuerentur, non aurum, quo libertatem ab imperatore avaro emerent, relictum.»

O nome *Cinginnia* apparece nos mais antigos e melhores

---

(1) Falta no pequeno mappa do vol. II do *Corpus* onde ſe acha porém o outro logar thermal proximo: Caldas de Vizella.

(2) O nome do santo: *São Romão* não parece ter relação alguma com as ruinas romanas do logar.

(3) E em reſumo na introducção (já citada) das *Noticias archeologicas,* e mais adiante p. 71 e seg.

manuſcriptos de Valerio Maximo e aſſim o leu já o velho epitomator do meſmo, Julio Paris; por iſſo conſervaram Kempf e Halm, ultimos editores de Valerio Maximo, no texto essa fórma de um nome que não apparece, de reſto, em parte alguma. Antigamente lia-ſe *Cinnania;* os manuſcriptos de menor valor trazem *cinrania, cirania, cinninia;* um d'elles do fim do ſeculo XV, eſcripto em Italia e exiſtente em Wolfenbüttel, traz *Cytania.* Eſte nome já foi poſto em connexão com o jazigo de ruinas perto das Caldas das Taipas pelos ſabios portuguezes do ſec. XVI; talvez que a variante *Cytania* deva já a sua origem a uma interpolação erudita.

N'aquella epoca eram frequentes as relações de ſabios portuguezes com humaniſtas italianos em Roma e n'outras cidades da Italia. Iſto eſcuſa de prova; lembrarei apenas Achilles Eſtaço (1).

O nome da cidade luſitanica que ſe oppoz com tanto arrojo (618 da éra de Roma, 136 a. Chr.) aos embaixadores de Decimus Brutus, vencedor dos gallaicos, não ſe póde fixar com ſegurança. *Cinginnia* não póde ſer exacto comquanto Kempf lembre certos nomes ibericos talvez de raiz egual, como o rio *Cinga* na *Tarraconenſis* e o nome celtico *Cingetorix.* Menos improvavel ſeria *Cingitania;* o ſuffixo *it-anus* apparece frequentes vezes em Heſpanha (2). Seja como fôr, a relação

---

(1) Sobre a vida d'eſſe ſabio illuſtre v. Barboſa, *Bibl. luſit.* vol. I, pag. 4-10. e vol. IV, pag. 1.

Eſtando a hiſtoria da *Renaſcença portugueza* e das ſuas relações com a hiſtoria geral do Renaſcimento ainda em branco não ſerá ocioſo lembrar ao leitor portuguez mais um nome, o de Damião de Goes, cujas cartas latinas (Lovania, 1544 rariſſimo) revelam intimas relações com tudo quanto havia de illuſtre em Italia, França, Allemanha e nos paizes de Flandres, incluindo o proprio Luthero, Melanchton etc. Eſſas rariſſimas cartas eſtão preſtes a ſahir á luz em nova edição critica e augmentada. Nota do trad.

(2) Dei provas d'iſſo nos exemplos que reuni n'um artigo ſobre a formação dos nomes proprios romanos; v. *Ephemeris epigraphica.* Berlin, 1875. 8.º II, p. 35.

d'eſſa cidade luſitanica com o nome *Citania* faz-me duvidar fortemente da antiguidade d'eſte ultimo. É poſſivel que elle naſceſſe de uma chriſma erudita, deſtinada a perpetuar a gloria do heroiſmo tão gabado pelo hiſtoriador romano, no logar citado. Em todo o caſo as deſcobertas feitas no logar não provam que da communa luſitanica ſubjugada naſceſſe uma romana, ſem ſolução de continuidade.

Antes de paſſar reviſta ás deſcobertas devo dizer que a primeira condição e indiſpenſavel para a orientação do eſtado actual das deſcobertas, iſto é, um plano da ſituação ao qual ſe houveſſe de referir a deſcripção local, não foi ainda ſatisfeita, que eu ſaiba. O ſnr. Franciſco Martins Sarmento, dono do terreno, preſtaria um ſerviço ainda mais valioſo do que aquelles que o paiz já lhe deve e que ſão grandes (aſſim o reconheceu a *Real Aſſociação dos architectos e archeologos portuguezes,* votando-lhe uma medalha d'honra) juntando ao ſeu futuro trabalho archeologico ſobre *Citania* um plano em escála regular. Seria o meio mais efficaz para lançar toda a luz ſobre eſſa região tão intereſſante da ſua patria.

O que ſe achou no ſeculo XVI e reſuſcita hoje com uma phyſiognomia mais accentuada é o ſeguinte. Limitando-nos á deſcripção, algum tanto ſuperficial do ſnr. Luciano Cordeiro, eis o que ſe póde reſumir de poſitivo:

Tres muralhas e outros tantos foſſos concentricos corôam a parte ſuperior do *plateau* da collina em que ſe aviſta a ermida de S. Romão. Fóra das muralhas ficaram exiſtindo tres penedos do genero chamado *Dolmen,* levantados alli por mão humana. O povo chama-lhes o *Penedo da Moura.* E' geralmente ſabido que romanos e mouros partilham, ſegundo a opinião do vulgo, a gloria da fundação das povoações mais antigas da peninſula. Os ornatos abertos na rocha e que ſão parecidos, em eſtylo, com outros achados em logares aonde houve cultura pre-romana, accuſam a mão do homem.

Apenas duas conſtrucções ſe conſervam em pé no pro-

prio logar, duas torres ou habitações *(Hütten)* (1) circulares, antigamente abertas, mas cobertas recentemente com tectos de madeira e palha e guarnecidas com portas, graças aos cuidados do ſnr. Martins Sarmento. Faltam porém as dimenſões exactas d'eſtes reſtos architectonicos; a julgar pelas gravuras, apparentemente muito fieis e caracteriſticas da *Academia* (Fig. 1 e 2 executadas por photographias originaes) calculo a altura da primeira habitação em 3-4 metros, afora a do tecto moderno, e o diametro em 6-7; a ſegunda parece-me ſer um pouco mais pequena.

Eſtas conſtrucções ſão feitas com baſtante cuidado de *blocos* (2) de granito deſegualmeute talhados; a pedra é bastante granulosa e pouco dura.

A primeira habitação parece aſſentar na rocha viva; a ſegunda tem uma ſubſtrucção ſingular, com caracter mais antigo, compoſta de grandes blocos cyclopicos que fórmam o resguardo na vertente do monte. As habitações dos celtas eram redondas (θολοειδεῖς) ſegundo a paſſagem conhecida de Strabão (IV. 3. p. 197). A conſtrucção maſſiça formada de grandes pedras leva a preſumir facilmente que eram moradas privilegiadas; o material mais ſolido, a ſua conſtrucção mais ſegura permittiu que ellas chegaſſem até noſſos dias, tendo deſapparecido a maioria das outras habitações, ſem duvida inferiores. Em França encontram-ſe, aqui e acolá, nos antigos logares celticos deſcobertos, reſtos d'eſſas habitações redondas.

Parece que nada ficou de pé na area occupada pela povoação celtica afora eſtas duas moradas.

Até principios do ſeculo paſſado via-se alli uma enorme pedra profuſamente ornamentada, conhecida pelo nome de

---

(1) O ſnr. Prof. Hübner ſerve-ſe ſempre da palavra *Hütte* (choupana) negando adiante o direito de ſe lhe applicar o nome de caſa. Nota do trad.

(2) Ouſámos nacionaliſar a palavra, á falta de outra melhor. N. do trad.

pedra formosa (Fig. 5). Então foi transportada para o convento proximo de São Estevão de Briteiros e ultimamente reconduzida pelo snr. Martins Sarmento d'alli para o antigo local. Vinte e quatro juntas de bois foram necessarias para pôr a pedra, que mede 2 metros e meio de altura sobre 3 e meio de largura e meio metro de grossura, em movimento.

E' difficil dar uma descripção clara da ornamentação da pedra (1).

O todo póde dizer-se um semi-circulo imperfeito; o arco marca o remate architectonico da peça que estava talvez posta sobre a entrada de um edificio ou serviu em qualquer outro modo na parte ornamental do mesmo. No meio da parte inferior da superficie vê-se uma pequena abertura semi-circular; á direita e á esquerda da mesma dois pares de rosetas de cada lado, formadas por duas fitas enlaçadas em fórma de *H* manuscripto maiusculo. Logo acima da dita abertura rente á volta do arco do semi-circulo é cortada a pedra em todo o comprimento por tres cordas que formam como que a base de um frontão dividido ao meio por duas cordas perpendiculares e rematado por outras duas que formam as empenas do frontão e o fecham em angulo obtuso. O vertice do angulo remata por um pequeno circulo de duas cordas cujo centro é vasado. O espelho ou tympano (se é licito usar d'esta expressão) é occupado por um desenho em xadrez (quadrados ponteados no centro) que termina dos dois lados por um outro desenho de linhas combinadas em estrellas e rosetas. Outros ornatos (linhas curvas e fitas) cujo desenho se parece com o de dous *S* virados em sentido opposto correm na parte superior da pedra por

---

(1) A do snr. J. P. N. da Silva no *Boletim da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes*. Lisboa, 1876, serie II N.º 9 p. 136 não ajuda muito a intelligencia do assumpto. O desenho da pedra feito pelo snr. Cesario Augusto Pinto (est. n.º 15) que deve andar junto ao numero do Boletim falta no exemplar da Bibliotheca Real de Berlim.

cima das cordas que formam as empenas do frontão, fazendo o effeito de *acroterios*.

E' ſabido que a ornamentação linear d'eſte meſmo eſtylo ſe encontra, imperfeitamente executada, em toda a parte entre povos dotados apenas de uma civiliſação naſcente, p. ex. na pintura de vaſos a mais antiga, na induſtria textil dos povos mais variados, ſobre utenſilios de metal, armas etc.; finalmente, até os povos quaſi ſelvagens do novo mundo conhecem eſſes ornatos circulares ou lineares e fazem d'elles uso em identicos objectos.

É impoſſivel tirar d'ahi concluſões ſeguras ſobre a idade do trabalho, mas o que póde illucidar-nos é a diſpoſição dos ornatos em forma de frontão, concepção eſta que talvez tenha por origem a influencia da architectura greco-romana.

Ainda temos a examinar uma serie de pedras ſoltas de maior ou menor ornamentação primitiva e ſemelhante (Fig. 6—15 da Academia, muito bem gravadas). A maior parte accuſa um trabalho artiſtico na verdade archaico; uma pedra (fig. 7) moſtra duas roſetas formadas de segmentos de circulo (1) como as que ſe encontram na architectura das egrejas aſturianas dos ſeculos VII e VIII e mais tarde ainda na architectura gothica, franceza e allemã do ſeculo XIII.

É deſneceſſario analyſal-as a miudo; uma porém (Fig. 14) merece attenção eſpecial porque, além dos ornatos lineares já deſcriptos, contém do lado direito da ſuperficie ſignaes que ſe parecem exactamente com as letras latinas CAA. Confeſſo, que fiquei perplexo diante d'eſtes ſignaes. Ter-ſe-hia alguem divertido com a ſingular ideia de perpetuar n'uma das

(1) O ſnr. Amador de los Rios chamou a eſte eſtylo *arte latino-byzantino;* v. o seu eſtudo: *El arte latino-byzantino y las coronas viſigodas de Guarrazar*. Nas *Memorias* da Real Academia de S. Fernando. Madrid, 1861. 4.º Nas eſt. 3. pag. 3; eſt. 6. pag. 2. d'eſta diſſertação encontram-ſe motivos identicos. Tem-ſe deſcoberto mais alguns eſpecimens do meſmo eſtilo que ſão conhecidos, por emquanto, ſó pela photographia.

pedras da localidade o nome da povoação, o nome da cidade celtica *C(it)a(ni)a* n'uma abbreviatura desusada e um tanto obscura? N'este ponto todo o cuidado é pouco, e senão, tenha-se em vista o que succedeu ainda recentemente com as descobertas do *Cerro de los Santos* (1) perto de Yecla (Murcia). Entretanto parece-me que no caso presente não ha motivo para desconfianças; o mesmo nome de *Camalus* acha-se tambem em outras inscripções descobertas mais tarde (2). Ha ainda uma outra pedra com inscripção que desafia o exame (Fig. 17); é quadrilonga, de fórma vulgar; na frente veem-se tres linhas de caracteres estendidos do modo sabido, da esquerda para a direita. Não ha duvida que são lettras, mas de que éra? E' possivel que da capella de S. Romão, ou de qualquer localidade proxima se extraviasse para Citania alguma pedra tumular ou miliaria ou cousa semelhante, ficando misturada com as antiguidades celticas. Confesso que não consegui ir mais longe na decifração do que aquelles que até hoje a teem tentado. O aspecto da lettra não denuncia grande idade, alguns poucos seculos, quando muito; eu leio o quer que seja de *boltruan de Dozo (*ou *Pozo).* Os peritos dirão se é possivel que isto seja um nome (3).

Os testemunhos epigraphicos não nos dizem pois nada (4)

(1) Juan de Dios de la Rada y Delgado. *Antiguëdades del Cerro de los Santos en termino de Montealegre.* Madrid, 1875. 8.° e no *Museo español de antiguëdades.*—1875, vol. VI pag. 251 e seg. Confira-se com a minha analyse na *Jenaer Litteraturzeitung* 1876, p. 217 e seg.

(2) Em virtude do artigo do snr. Martins Sarmento inserto na *Renascença.* Porto, 1878 p. 25: *Signaes gravados em rocha,* convenci-me que a pedra representa uma verdadeira inscripção e não um motivo qualquer de ornamentação, como ao principio cuidei.

(3) Podia occorrer o nome *Beltrão* se a sua feição moderna *(ão)* não fosse tão evidente.

Eu creio tambem, a julgar pela gravura, que a inscripção é relativamente moderna e nada tem que ver, nem com celtas, nem mesmo com romanos. Nota do trad.

(4) Vide a nota 23.

Reſta-nos uma terceira eſpecie de monumentos de Citania, repreſentada nas recentes deſcobertas por tres objectos, pelo que vejo.

1.º) Um relevo (Fig. 3; faltam as dimenſões, como ſempre) toſcamente lavrado, de fórma irregular; a pedra, baſtante granuloſa, moſtra-ſe corroida pelo tempo e apreſenta as figuras em cortornos mal diſtinctos. São duas figuras humanas em perfil, marchando da esquerda para a direita. E' impoſſivel diſtinguir ſe eſtão núas ou veſtidas, ſe ſão maſculinas ou femininas; nem ſequer ſe conhece n'ellas as feições. A primeira, á direita, que é a mais pequena, eſtá curvada para diante e parece ſegurar um inſtrumento do feitio de um maſſo com ambos os braços. A da esquerda, maior, parece perſeguil-a victorioſamente; os ſeus braços eſtendidos (e talvez armados) tocam a figura menor na cabeça e nas coſtas. Parece moſtrar-nos a lucta e fuga do inimigo. Eis tudo quanto ſe póde dizer d'eſte relevo.

2.º) Uma eſtatua (Fig. 4). A julgar pela gravura é couſa ainda muito mais informe do que as figuras do relevo. Não vejo nem braços nem pernas, nem ſignal de traje e muito menos um attributo qualquer. A cabeça é informe, deſproporcional, quaſi uma caveira, ſem o queixo inferior. Dizem ſer figura feminina.

3.º) Uma cabeça (Figura 16) talvez de uma eſtatua, com uma eſpecie de diadema e com veu, ſem barba, talvez feminina. As dimenſões ſão mui pequenas. O auctor do texto da *Academia* deſcobre na cabeça o *typo oriental;* confeſſo que a gravura não me dá motivo para ir tão longe. A execução é boa, relativamente, e em todo o caſo ſuperior á das outras obras plaſticas.

Uma obſervação final:

As eſtatuas de guerreiros callaicos em Lisboa e Vianna (1) não ſão muito ſuperiores ás eſculpturas de Citania.

---

(1) *Noticias archeologicas de Portugal* p. 103. e ſeg.

Não vejo motivo por que se ha de negar o direito de um parallelo entre estas e aquellas; por que se ha de duvidar que umas e outras pertençam a uma civilisação ou semi-civilisação parecida.

Eis, pelo que pude saber, o resultado das escavações de Citania até hoje. Longe de mim a ideia de menosprezar o resultado d'ellas. E' sempre precioso todo e qualquer subsidio, ainda o mais modesto, tendente a esclarecer o passado historico; nunca se pode prever em que sentido elle poderá servir um dia para a concatenação de uma ideia. O que não se justifica é a construcção de hypotheses scientificas sobre a observação, por assim dizer casual, de um objecto achado. Todas as sciencias, antes de ensinar, tiveram de aprender. A sciencia dos monumentos constitue a verdadeira aprendizagem, assim como a colleccionação e observação dos factos constitue as disciplinas historicas e litterarias. O povo que deixou em Citania vestigios da sua existencia deixou por certo mais signaes em outros logares da mesma região. Só por meio da comparação dos restos parecidos da antiguidade é que será possivel rasgar horisontes sufficientemente vastos e abrir um campo fecundo á exploração. A observação local, isolada, conduz a exageros patrioticos, ao patriotismo de campanario, n'uma palavra á cegueira parcial do espirito.

No entanto, o merecimento de homens de animo patriotico, como o snr. Martins Sarmento, que tomam um ponto especial para objecto de seus estudos será duradouro. Para o paiz natal, porém, é necessario que appareçam mais homens, mais investigadores e só então, com o trabalho simultaneo, apparecerão resultados que se possam ligar logicamente.

Lembrarei uma localidade que parece ter certa affinidade com a Citania; haverá por certo outros logares que estarão no mesmo caso. E' o planalto pedregoso de Panoias perto de Aldea do Assento e Honra de Gallegos na freguezia de S. Pedro de Valnogueiras, termo de Villa Real, cujas inscripções,

legadas pela tradição n'um eſtado muito duvidoſo, coordenei em outro logar (1). No anno de 1720 escreveu Antonio Gonçalves de Aguiar, Parocho de Valnogueiras uma relação minuciosa d'eſte antigo e curioſo jazigo de uma civiliſação extincta. Argote (2) e todos os mais beberam n'eſta fonte. De então para cá ninguem (3) mais viſitou a localidade para nos dar noticia exacta e fidedigna da ſua ſorte. Parece-me que valia bem a pena que uma das aſſociações archeologicas conſtituidas em Portugal organiſaſſe uma expedição ſcientifica áquelles ſitios e publicaſſe os reſultados de um modo condigno. Por emquanto pedimos e inſtamos para que ſe faça iſto com relação a *Citania*. Digne-ſe o Snr. Martins Sarmento apreſentar muito brevemente a ſua monographia ao mundo ſcientifico accompanhada com os competentes planos topographicos e illuſtrações e terá poſto a corôa á obra a que dedica as ſuas forças: a reconſtituição das antiguidades patrias.

Berlim, Março de 1878.

Á bondade de um amigo devo a communicação de uma ſerie muito intereſſante de photographias, tiradas dos monumentos ultimamente deſcobertos na *Citania,* e a elle cedidas pelos ſnrs. dr. M. Sarmento e M. M. Rodrigues, aos quaes ficamos ſinceramente reconhecidos por tão importante favor; tambem vi pouco antes d'eſta remeſſa mais tres trabalhos nacionaes sobre Citania que me eram deſconhecidos. O primeiro é a prelecção feita pelo snr. Luciano Cordeiro peran-

(1) *Corpus.* Vol. II, n.º 2395.
(2) *Memorias eccles.* n.º 2395.
(3) O inglez Kingſton *(Luſitanian Sketches)* que esteve alli em 1845 era um *touriſte* ſuperficial.

te a *Sociedade geographica de Lisboa* (1), a propofito da fua vifita a Citania. O fegundo é uma communicação anonyma (2) fobre a portaria do *Diario do Governo* (mandando louvar o fnr. Martins Sarmento pelos feus efforcos a bem da fciencia) para o jornal o *Commercio do Porto* de 16 de Setembro de 1876, n.º 221.

O terceiro, que é do fnr. Manoel Maria Rodrigues e appareceu n'efte mefmo jornal (*Commercio do Porto* de 12 de junho de 1877 n.os 187-191-198; e 215 216, 230, 235), dá conta da conferencia archeologica que fe effectuou no proprio local, graças á generofidade do proprietario o Dr. Martins Sarmento, fob a prefidencia de um dos expedicionarios, o Marquez de Souza—Holftein, refumindo os refultados d'ella. Sei de um quarto trabalho, devido ao citado prefidente (3) e publicado no *Jornal da Manhã,* mas não o pude ver. Falta-me ver tambem uma nota fobre o mefmo affumpto (4) n'um trabalho do fnr. Joaquim de Vafconcellos.

---

(1) Sob o titulo: *Uma visita á Citania*, impressa em *Boletim da Sociedade Geographica de Lisboa*, n.º 2. Dezembro de 1877. Porto, 1878. 8.º pag. 86 e seg. É a reproducção litteral do que já publicára no *Commercio Portuguez* 1877 n.º 119 de 24 de Maio de 1877 e n.os 125, 129, 130, 132. O n.º 155 contém a conclusão que falta no *Boletim*.

(2) Creio que efta communicação é do fnr. Manoel Maria Rodrigues (Nota do trad.)

(3) O artigo do fnr. Marquez de Souza foi escripto muito antes da conferencia de Citania, quando os trabalhos de exploração eftavam ainda atrazados; é o que fe conclue de uma phrafe do fnr. Luciano Cordeiro (Boletim pag. 41). O fnr. Marquez não podia por tanto chegar a refultados pofitivos. (Nota do trad.)

(4) A nota é a feguinte e refere-fe a umas confiffões do fnr. Teixeira de Aragão feitas officialmente no *Relatorio* dirigido ao Illustriffimo e Excellentiffimo Senhor Miniftro e Secretario d'Eftado dos Negocios do Reino pela Commissão nomeada por decreto de 10 de Novembro de 1875 para propôr a Reforma do enfino artiftico e organifação do ferviço dos mufeus, monumentos, hiftoricos e archeologia. Segunda Parte — *Actas e Communicações*. Lisboa, Imprenfa Nacional. 1876, 8.º As confiffões estão a pag. 12, 13, 28, 46, etc. Eis a nota:

«O fnr. T. de Aragão acha que em Portugal não ha nem archeologia, nem archeologos, nem elementos de enfino archeologico. A reunião magna em Citania parece defmentil-o; um collega de s. ex.ª na commis-

O trabalho official: o *Relatorio,* ainda não appareceu, temos de o repetir. O fnr. Augufto Soromenho que fe tinha incumbido de uma parte do mefmo, morreu infelizmente ha pouco tempo.

Dos trabalhos que apontei vou extractar o indifpenfavel para completar o que fica efcripto.

Em primeiro logar ficamos mais exactamente informados fobre a fituação geographica da Citania do Monte de S. Romão de Briteiros, que é a 3 kil. das Caldas das Taipas, á esquerda da eftrada que vae á Povoa de Lanhofo. A altura do monte de granito é de 336 metros; de um lado tem facil fubida; do outro defce abruptamente. O nome Citania apparece em tres outras localidades do norte de Portugal com ruinas da mefma natureza, ex: a *Citania de S. Roriz* (S. Fins), *Citania do Monte de Saia,* e *Citania de Baião.* Ifto é importante para a explicação do nome, todavia a relação d'ella com a palavra *civitas* e feus derivados romanicos, que occorreu a alguem é, a meu ver, impoffivel, grammaticalmente (1). Nos

fão efcrevêra comtudo que a dita reunião fôra, fem conteftação, o primeiro certamen *fcientifico* (fic) de femelhante natureza em Portugal, e que a difcuffão em cafa do fnr. Sarmento eftivera á *altura da fciencia* (fic). Não esqueçamos finalmente que, quem fe fentou na cadeira prefidencial em cafa do iniciador e autor da exploração, foi o fnr. marquez de Souza, o mefmo que o fnr. Aragão reconheceu por prefidente da commiffão.

O leitor vae vendo que não é por certo a critica que abala a authoridade dos chefes; fão os proprios partidarios da *Reforma,* que defauthorifam as authoridades officiaes; o fnr. Nepomuceno pondo em peffima luz as Academias, e o fnr. Aragão dizendo aos archeologos, membros da commiffão, que elles não merecem tal nome.»

Emfim, o *Relatorio* da Expedição a Citania, dará razão a quem a tiver; em Maio dizia-se proxima a sua publicação; ficamos esperando. *A Reforma do Enfino de Bellas-Artes* (Analyse da Segunda Parte do Relatorio official) por J. de V. Porto, 1878 pag. 19, nota 4.

Ifto efcrevia-fe em Junho; eftamos em Setembro e continuamos efperando...

(1) Somos da mefma opinião; ainda mefmo que nos podeffem apontar n'algum texto da baixa latinidade em logar de *civitas civitatis* a fórma irregular *Civitania,* refultante da troca do fuffixo, o nome portuguez popular nafcido d'efta feria *Ciudanha* ou *Cidanha* e não *Citania,* (cf.

documentos da diocese de Braga apparece um Monte *Citanio* e no codice de Lugo do Rei Theodomiro (cuja autoridade não conheço) um *Gitanio*. Será tão impossivel basear explicações etymologicas n'estes factos, como em certas analogias celticas. A repetição dos mesmos nomes geographicos ou de nomes muito parecidos é facto observado em toda a parte e que na peninsula tem uma explicação natural nas frequentes emigrações de tantos povos que n'ella habitaram.

No caminho que conduz ao alto do monte, onde se acha a pequena ermida de S. Romão, apparecem vestigios de uma estrada primitiva, revestida de silhares quadrados em logar de blocos polygonicos, como nas estradas romanas. É porém arriscado concluir d'ahi sobre a origem celtica e não romana da estrada. É certo que os romanos se serviram de blocos polygonicos não apparelhados, e com preferencia dos maiores, para o revestimento das suas estradas (como eu mesmo observei nos restos de estradas romanas em varias partes da Extremadura hespanhola), mas nos logares onde não encontraram esses elementos não se furtaram por certo ao trabalho de apparelhar o granito assaz mole e esbroante das montanhas do Douro e Minho que se encontra alli em abundancia, como é notorio, e apparelharam-n'o para evitar o esbroamento das faces exteriores da pedra já attacadas pelo tempo.

Tres muralhas imponentes circulares fechavam o accesso ao *plateau* do monte; o que hoje resta d'ellas são fragmentos, já se vê, dispersos aqui e acolá. São formados em parte de blocos collosaes («d'um aspecto megalithico»). Entre o segundo e terceiro circuito veem-se duas linhas de fossos; em certos sitios ha espaços abertos na direcção da via, o que faz presumir que foram os logares das antigas portas. Na via acham-

---

Idanha de *Igeditania*). Todas as palavras e principalmente todos os nomes proprios com a terminação *ania, tania,* não podem ser senão formações eruditas.

(*D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.*)

ſe tres *dolmens;* um d'elles já foi em tempo anterior ás excavações do ſnr. Dr. Sarmento objecto de inveſtigações.

O maior, chamado *Penedo da Moura,* ſuſtenta um bloco de 5 m. 29 a 3 m. 64 de circumferencia.

As excavações do ſnr. Martins Sarmento puzeram a descoberto no *plateau* umas 30 a 40 habitações, redondas em geral e algumas ellipticas; a ſua altura é de 2 a 3 metros. O diametro é algumas vezes de 4 a 8 metros; a groſſura das paredes o. 57,^{m}. algumas diminuem para cima em fórma de cóne, em virtude da diſpoſição reintrante das camadas de pedra. No interior notam-ſe ſignaes iſolados de cál e em uma d'ellas corre em redor da parede um banco. Tres das photographias, que tenho á viſta, repreſentam umas viſtas muito nitidas d'eſtas habitações primitivas e ſummamente intereſſantes. Na parte exterior de uma outra exiſte uma pedra na qual ſe vê gravada em contornos uma figura de quadrupede com grandes orelhas. É poſſivel que a parte superior das caſas de pedra foſſe feita de madeira e ſe achaſſe n'ella a porta que falta em todas. A baſe quadrangular feita de muros cyclopicos como ſe vê na habitação gravada na Academia (Fig. 2) conſervou-ſe em baſtantes habitações; pequenos becos e largos ſeparavam as habitações umas das outras. Acharam-ſe ainda grandes pilares ou umbreiras de um lavor baſtante apurado, em parte com os buracos neceſſarios para as vigas de ſegurança, ſegundo parece. Tenho preſente as photographias d'eſtes objectos, aſſim como as de um certo numero de *baſes* de columnas que accuſam um perfil greco-romano, e que fazem ſuppôr que os edificios a que pertenceram foram habitados durante grande eſpaço de tempo. Dentro das caſas e fora d'ellas achou-se uma porção de reſtos ceramicos em geral de uma argila granuloſa, coberta algumas vezes com ornatos lineares primitivos, provavelmente de fabrico nacional; alem d'iſſo telhas de differentes fórmas que ſe parecem com as romanas e fragmentos de louça mais pequena, e mais fina, que

parece importada. É ſobre um d'eſtes fragmentos que ſe acha a cabeça gravada na *Academia* (Fig. 16); o caracter d'eſte objecto que contraſta notavelmente com o barbariſmo de todos os outros trabalhos explica-ſe facilmente d'eſte modo.

Em bronze appareceram apenas alguns pregos, agulhas e varias eſpheras pequenas com ornatos lineares gravados.

O preſtimo que teve a tão fallada *pedra formoſa* (Fig. 5) dèu logar a minucioſa diſcuſſão. Parece ſer opinião geral que a pedra foi um ara de ſacrificio; a face ornamentada eſtaria em poſição horizontal; a abertura ſemi-circular n'um dos lados ſeria o logar do ſacerdote. O ſnr. Martins Sarmento deu-lhe a poſição correſpondente, de accordo com eſta ideia. Não ſei, nem no mundo antigo, nem no mundo celtico de aras de ſacrificio d'eſte feitio, cobertas de ornatos abertos n'um relevo tão ſaliente; comtudo confeſſarei a minha ignorancia ſe alguem m'as ſouber apontar. No emtanto, notarei deſde já que me cuſta a crer que uma civiliſação ainda meſmo primitiva produziſſe obras d'eſſa ordem para o fim indicado; que o homem cobriſſe de lavores ſuperficies menos viſtas de um monumento, e ſem utilidade manifeſta; e embora o architecto, o snr. J. P. Narciſo da Silva ſe engane, attribuindo todos eſſes ornatos aſſaz brincados mas aſſaz rudes á civiliſação romana, creio que, por outro lado, acertou, guiado por um inſtincto ſeguro, quando viu na obra a diſpoſição do frontão greco-romano com a ſua diviſão caracteriſtica.

Um frontão porém não ſe põe ao comprido á moda de meſa ou de ara de ſacrificio; levanta-ſe em pé e ſuſtenta-ſe com pilares embora os mais toſcos. Pela minha parte diſcordo da opinião geral. Os que dizem que a pedra não pode haver pertencido a um monumento funebre porque foi achada dentro do circuito murado tiram uma concluſão muito arriſcada. As diſpoſições legaes de uma civiliſação mais adiantada fizeram com que os tumulos foſſem ſeparados em toda a parte, pouco a pouco, da habitação dos vivos, porém os

povos dotados de uma civilisação primitiva enterravam os seus mortos dentro das povoações ou perto d'ellas, a fim de os ter perto, até na morte. Não é pois impossivel que a pedra fizesse parte da ornamentação de um monumento funebre colossal.

Em Citania descobriram-se dezesete tumulos que são porém de uma epoca muito posterior e que dizem terem pertencido aos eremitas da Capella de S. Romão.

A estatua Fig. 4 passa por ser de mulher por haver vestigio dos peitos — e foi classificada como idolo celtico.

Entre as obras de esculptura recententemente descobertas e photographadas ha tres cabeças de javalí, uma bastante bem conservada, as outras duas maltratadas, e uma cabeça humana de trabalho o mais rude.

O singular relevo Fig. 3. deu logar a varias interpretações. Os primeiros commentadores em data gravitam dentro do circulo das ideias antigas; uns viram um satyro que persegue o amor munido de um archote. O snr. Luciano Cordeiro julgou descobrir no assumpto uma concepção mythologica do cyclo ariano que elle traduz do seguinte modo: o Deus *Sol* perseguindo a Deusa *Lua*.

O snr. Manoel Maria Rodrigues julga ver, com mais razão, um simples episodio de uma lucta; o perseguido tem, na sua opinião, o toucado celtico; o objecto que elle traz na mão pareceu-lhe ser uma arma qualquer. Este ultimo escriptor faz ainda notar, e com muita razão, que a ornamentação geometrica de linhas, circulos, espiraes etc. da *pedra formosa* e das outras pedras, e ainda os ornatos do mesmo estylo da ceramica de Citania se assemelha com os productos das ultimas epocas do celticismo. As cruzes de pedra da Bretagne, do paiz de Galles, da Escocia, as miniaturas irlandezas offerecem, na verdade, mais de uma analogia evidente com o estylo de ornamentação de Citania.

Alem das interessantes notas publicadas pelo *Commercio*

do Porto a propoſito da portaria do *Diario do Governo* ha ainda a communicação de uma carta do ſnr. Martins Sarmento ao ſnr. Manoel Maria Rodrigues feita no meſmo *Commercio do Porto* a 25 de janeiro de 1878 (n.º 22). Eſta carta fornece pormenores ſobre os ultimos trabalhos (outubro de 1877).

Juntando todas eſſas notas diſperſas vejo que ſão cinco (ſalvo erro) as moedas achadas em Citania ſuſceptiveis de uma claſſificação; todas celtibericas, ſegundo conſta. Com iſto querem dizer, cuido eu, que ſão todas de cunhagem heſpanhola.

Reſta porém ſaber ſe ſão moedas das ſeries celtibericas no ſentido reſtricto, i. é. com inſcripção iberica da *Tarraconenſis* (como as de Saguntum) ou das da Bætica (como as de Castulo) ou por ventura até da ſerie libio-phenicia (como as de Oba) ou da ſerie luſitanico-meridional (como as de Salacia). É o que falta verificar. Duas paſſam por ſer do tempo de Auguſto e uma d'ellas foi lida. A ſua filiação liga-a a Turiaſo (Tarazona).

Alguns dos fragmentos ceramicos apreſentam inſcripções, e accuſam as meſmas marcas conhecidas da ceramica romana. AVC(tus) e CRISPINVS, que apparecem frequentemente ainda em outras partes (1). Uma terceira marca que ſe acha em varios fragmentos CAMAL ARG ou ARG CAMAL é para mim, até hoje, inedita. Iſto não prova comtudo que ella ſeja peculiar e excluſiva de Citania. Ainda não temos p. ex. para as Gallias e para a Germania colleções completas das reſpectivas marcas e ainda meſmo que ellas exiſtiſſem e que a dita marca alli faltaſſe é poſſivel que o fabricante pertenceſſe a qualquer outra localidade da peninſula iberica; não era forçoſo aſſignar-lhe o logar de Citania e ainda menos forçoſo concluir pelo nome *Camalus*, que é com effeito celtico puro,

(1) W. Frœhner *Inſcriptiones terræcoctæ vaſorum*, Gœttingen, 1858. 8.º p. 10 n.º 215-217 e p. 35 n.º 868-871; H. Schuermanns *Sigles figulins*, Bruxelles, 1867. 8.º, *Annales de l'Académie d'Archéologie de Belgique*, vol. XXIII p. 102. N.º 1760 e seg. CIL. II 4970, 70-74. 156 c; CIL. VII 1336, 373).

(como ſe vê no nome do Marte britannico *Camalus Camalodunum* e em outros) sobre a origem celtica do logar da descoberta. Parece-me, além d'iſſo, que eſſe nome não póde ſer posto em relação com a ſuppoſta inſcripção da pedra já discutida (Fig. 14). (1)

O que ſe tem achado de mais intereſſante nas excavações, e que não tem ſido annunciado até hoje, ſão duas pedras com inſcripções; as photographias, que tenho á viſta não deixam a menor duvida ſobre a ſua antiguidade. A pedra maior, de que reſta ſó metade, tem do lado direito uns ornatos lineares e circulares muito ſemelhantes aos da *pedra formoſa;* o letreiro diz em caracteres fortes e bem formados:

CORONERI | CAMALI | DOMVS

É muito provavel que do lado eſquerdo não falte mais que o ornato correſpondente ao do lado direito. Se o texto eſtá completo, como creio, o ſentido é claro: *Coroneri Camali domus,* ou: caſa de *Coronerus,* filho de *Camalus.* Eis um teſtemunho muito importante d'uma ornamentação de uma caſa particular, exactamente ſegundo a ſuppoſição que eu fiz a propoſito da applicação que a *pedra formoſa* poderia ter tido. A exiſtencia d'eſta inſcripção é para mim o facto mais importante, trazido á luz n'eſtas eſcavações. Não ſabiamos que as povoações antigas tinham o coſtume de deſignar as habitações particulares com titulos e inſcripções, as quaes ſó uſavam nos tempos modernos para indicar, nas eſtradas, o nome do poſſuidor. Não ſão porém raros os ſepulchros que foram chamados *domus* ou *domus æterna,* como ſendo as habitações perpetuas dos diſunctos. Pode ſer, por iſſo, que a pedra de Coronero e meſmo a pedra formoſa fizeſſem parte

(1) Vide o que ſe diſſe na nota ſegunda da pag. 11.

de ſepulchros; é poſſivel ainda que as habitações circulares, as choupanas, ſejam um dia reconhecidas como taes.

A outra pedra é um cippo toſco; as duas linhas da inſcripção correm em direcção obliqua, e dizem, pelo que poſſo decifrar:

CRONI | CAAL

É poſſivel que uma terceira linha ſeguiſſe as duas, mas não poſſo lel-a. O texto deixa-nos em duvida ſe a pedra foi ſepulchral ou tambem o ſignal de uma caza. O nome do difuncto (ou do poſſuidor da caza) é incompleto no principio; era talvez *Feronus (Adronus* e outros ſemelhantes acham-ſe na Galliza heſpanhola.) O nome do pae é ainda o do *Camalus,* já conhecido. É natural que entre as familias nobres d'aquelles tempos exiſtiſſe o meſmo uſo que ainda vigora de juntar o appellido de familia.

As telhas com marcas figulinas não ſão menos intereſſantes. A mais completa diz:

AG CAAL

Iſto é: *Ag*... (ou *Aeg*...) *Camal;* provavelmente dous nomes. As duas ſeguintes ſão incompletas:

AAˡ AA

Porem é provavel que ſejam fragmentos da meſma marca. Ha tres outras que parecem deſignar o meſmo figulo:

O que ſe traduz claramente *Arc;* nomes como *Arco,*

Argælus e femelhantes não fão raros nas regiões celticas da peninfula.

Vou concluir:

Os utenfilios marcados e anonymos, affim como as moedas e os poucos objectos de bronze e vidro que foram achados nas efcavações provam antes um facto muito natural i. e. que os habitantes do *oppidum* celtico fe fujeitaram depois da conquifta romana, mais ou menos, aos coftumes e á civilifação dos conquiftadores.

Eftas defcobertas, já muito importantes em fi, confirmam comtudo de um modo fatisfactorio os refultados que fe podem colher do exame d'eftes curiofos reftos na fua totalidade. Diante de noffos olhos furge pela primeira vez na peninfula iberica um *oppidum* callaico, morada pobre e primitiva de um povo extremamente fimples, levantada n'uma pofição defenfiva e efta ainda reforçada pela arte, com as fuas habitações uniformes e fummamente primitivas (que mal fe podem chamar cafas) e os raros veftigios da invafão da civilifação romana occorrida na éra de Augufto, invafão que marcou provavelmente ao mesmo tempo a hora fatal d'efte logar e de outras pequenas antigas povoações. Em compenfação os logares populofos transformados em fortalezas, e portos de commercio romanos, como *Bracara Augufta* (Braga) e *Tudo* (Tuy) fobre o Minius, as numerofas nafcentes de aguas mineraes como *Aquæ Flaviæ* (Chaves) *Aquæ Querquernæ Celenæ* e outras muitas aproveitadas para eftabelecimentos thermaes, com o tino e a intelligencia fuperior que caracterifa os colonifadores italianos, attingiam uma rapida florefcencia.

As ultimas efcavações emprehendidas pelo fnr. Martins Sarmento não deram nada de novo, nem de notavel (V. a fua carta de Outubro de 1877 já citada); acharam-fe novas habitações quadradas e redondas, fem portas, alguns poucos capiteis ou bafes de columnas ou de pilares, telhas, pedras perforadas ou anneis de pedra e algumas pedras com os de-

fenhos geometricos já conhecidos; tambem appareceram mais alguns ornatos abertos na pedra (p. ex. a cabeça de um javali); e n'um fegundo jazigo de ruinas em Sabrofo perto de Citania, onde o fnr. Sarmento fez recentes efcavações, achou o explorador um fegundo *vicus* femelhante ao primeiro, com os mefmos muros e as mefmas habitações, alguns objectos de bronze (pulfeira, broche, agulha) e alguns fragmentos ceramicos de uma fórma algum tanto differente. Eftes refultados são comtudo de muito intereffe e de baftante importancia, como já diffe. Concluimos, infiftindo no pedido já feito, que o fnr. Sarmento publique o refultado das fuas defcobertas n'um trabalho amplamente illuftrado (à la Schliemann e em francez, fendo poffivel) para affim nos dar uma ideia exacta de Citania, pois nem todos os que eftão longe podem ir vifital-o, utilifar a hofpitalidade proverbial que difpenfa em fua cafa e agradecel-a em nome da fciencia. Uma publicação, como a que apontei, ganharia muito em fer parca de difcuffões ethnographicas e mythologicas; deveria fazer apenas uma expofição clara das defcobertas, e dar uma defcripção exacta dos objectos achados. A parte illuftrativa deveria fornecer não fó abundante copia de gravuras, mas tambem um plano topographico e algumas viftas da localidade reproduzidas das photographias originaes. Uma publicação d'efta ordem encontraria o mefmo applaufo e o mefmo intereffe no velho e no novo mundo; faria, em fumma, a maior honra a Portugal.

Berlim, Abril de 1878.